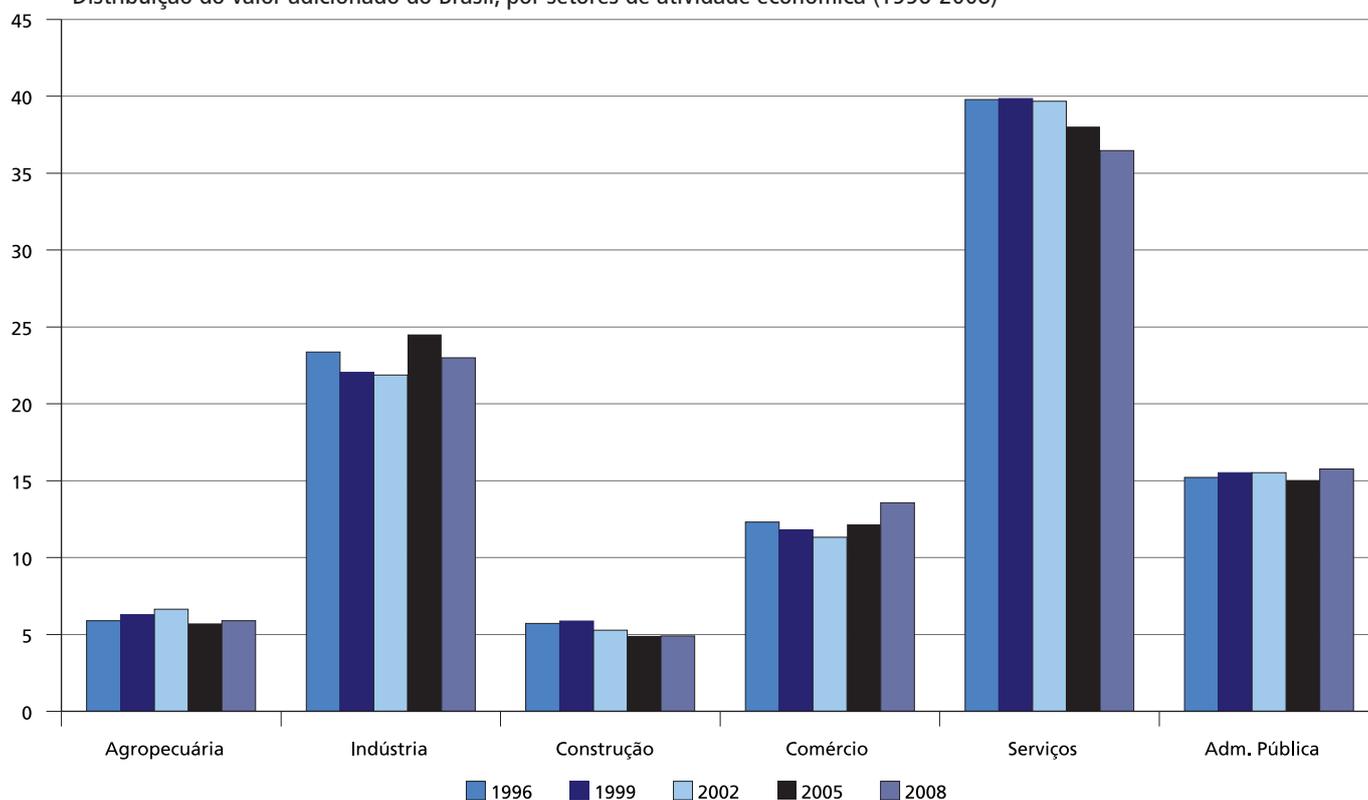


Uma das faces da heterogeneidade estrutural é representada pela profunda desigualdade regional brasileira. A distribuição dos setores é profundamente desigual em cada uma das regiões, conforme os gráficos 1 a 6, a seguir.

Pelo gráfico 1, nota-se que, no Brasil, o setor de serviços – que inclui, nesses gráficos, as instituições financeiras – é o que possui maior valor adicionado, seguido pela indústria, pela administração pública, pelo comércio e, por fim, pela agropecuária. Deve-se salientar que este setor é profundamente heterogêneo, englobando desde serviços domésticos, os prestados às famílias e os prestados às empresas; estes últimos, somados a transportes, telecomunicações e informática, representam cerca de dois terços do valor adicionado do setor. Nota-se, também, que a estrutura da economia brasileira pouco se altera entre 1996 e 2008, com exceção de ligeira perda de participação dos serviços e uma consoante elevação do comércio.

GRÁFICO 1

Distribuição do valor adicionado do Brasil, por setores de atividade econômica (1996-2008)



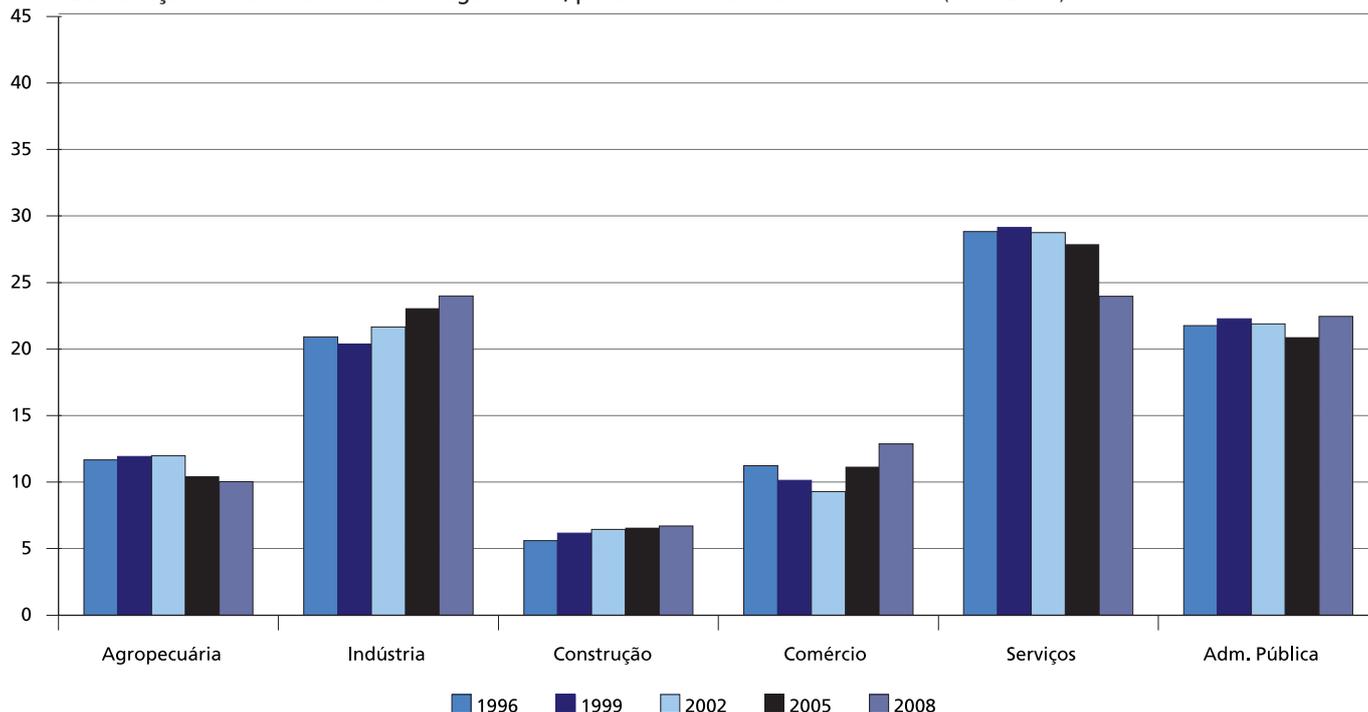
Fonte: Contas Regionais, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O gráfico 2, que apresenta a estrutura econômica da região Norte, tem grandes diferenças em relação ao total do país, com a indústria ganhando relevância maior – e o município de Manaus é o responsável por isto –, bem como a agropecuária – em especial, a silvicultura –, com a administração pública atingindo a maior participação relativa entre as demais regiões.

* Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de Estudos Regionais, Urbanos e Ambientais (Dirur) do Ipea.

GRÁFICO 2

Distribuição do valor adicionado da região Norte, por setores de atividade econômica (1996-2008)

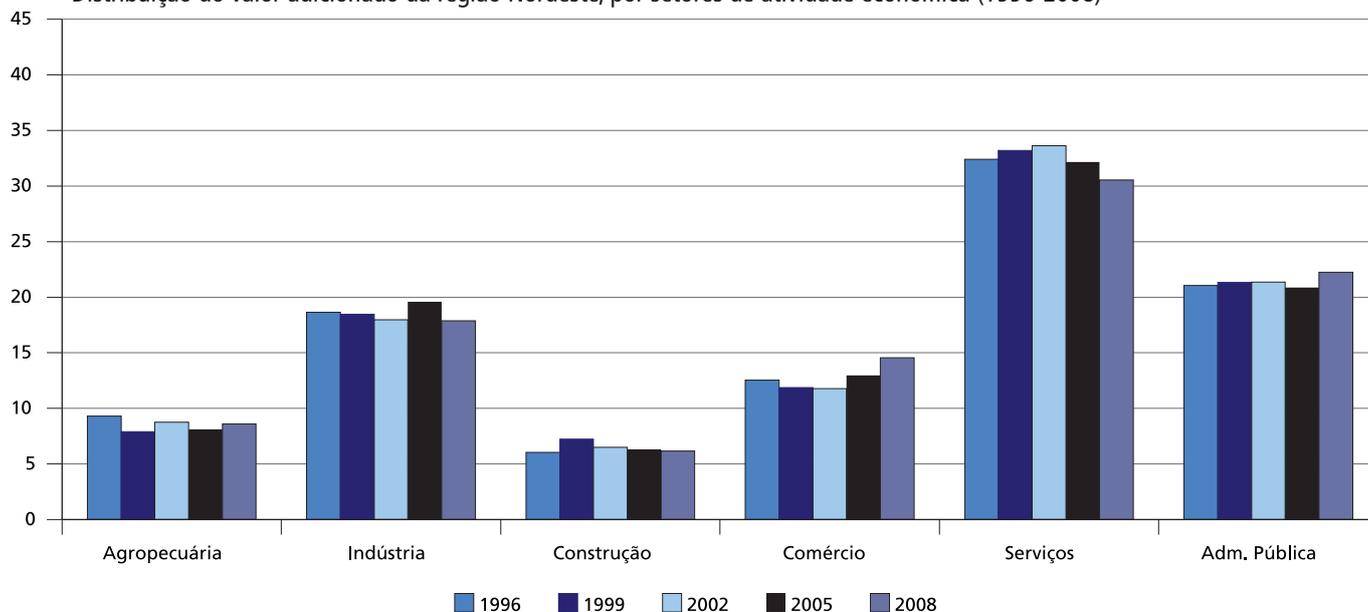


Fonte: Contas Regionais/IBGE.

O gráfico 3 demonstra a estrutura da região Nordeste, em que se nota preponderância dos serviços e da administração pública e uma pequena participação da indústria, que nem atinge 20% do total. É de se ressaltar um incremento, desde 2005, da parcela da atividade do comércio, provavelmente decorrente da implantação e do desenvolvimento do Programa Bolsa Família (PBF) na região.

GRÁFICO 3

Distribuição do valor adicionado da região Nordeste, por setores de atividade econômica (1996-2008)

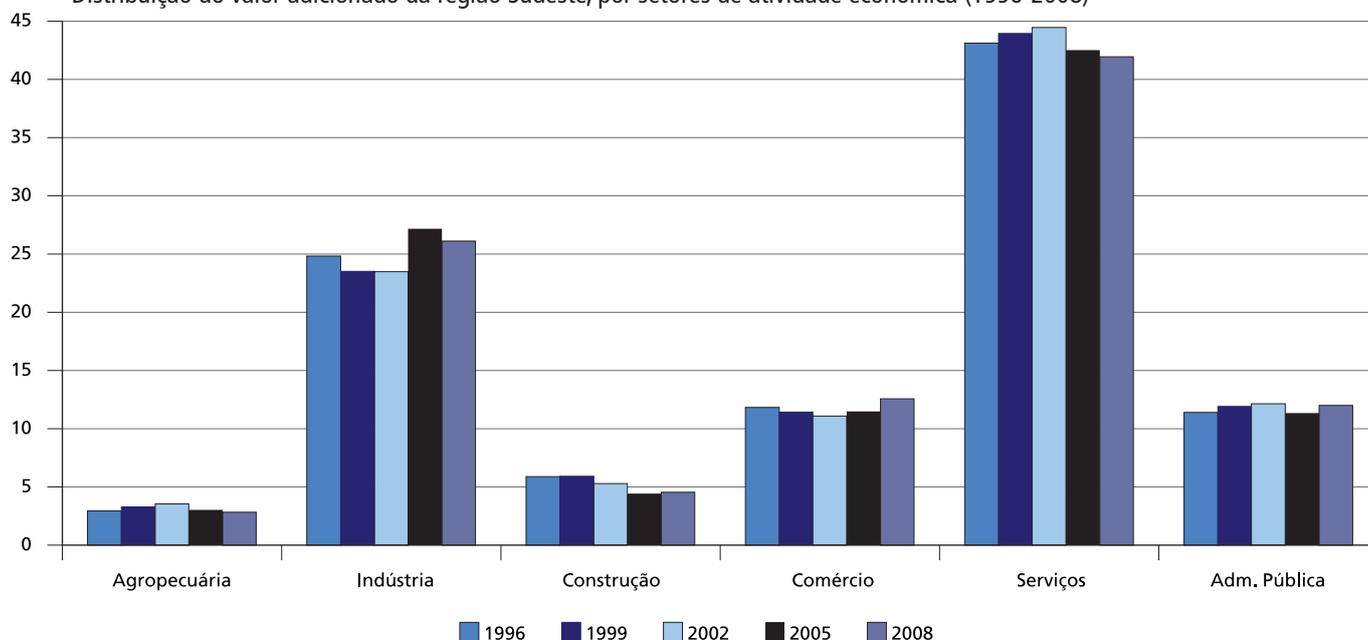


Fonte: Contas Regionais/IBGE.

O gráfico 4 apresenta a estruturação da atividade econômica da região Sudeste, e por este se verificam as profundas diferenças para as outras regiões: há um enorme peso dos serviços e da indústria – ambos maiores que a média do país –, que se integram e se complementam. Ressalta-se a diminuta participação da agropecuária na região, embora esta seja relevante no total da atividade no país. Também é importante a pequena participação da administração pública, se comparada com as regiões Norte, Nordeste e, sobretudo, Centro-Oeste. Isto porque quanto menor a atividade econômica de uma região, maior é a participação deste setor.

GRÁFICO 4

Distribuição do valor adicionado da região Sudeste, por setores de atividade econômica (1996-2008)

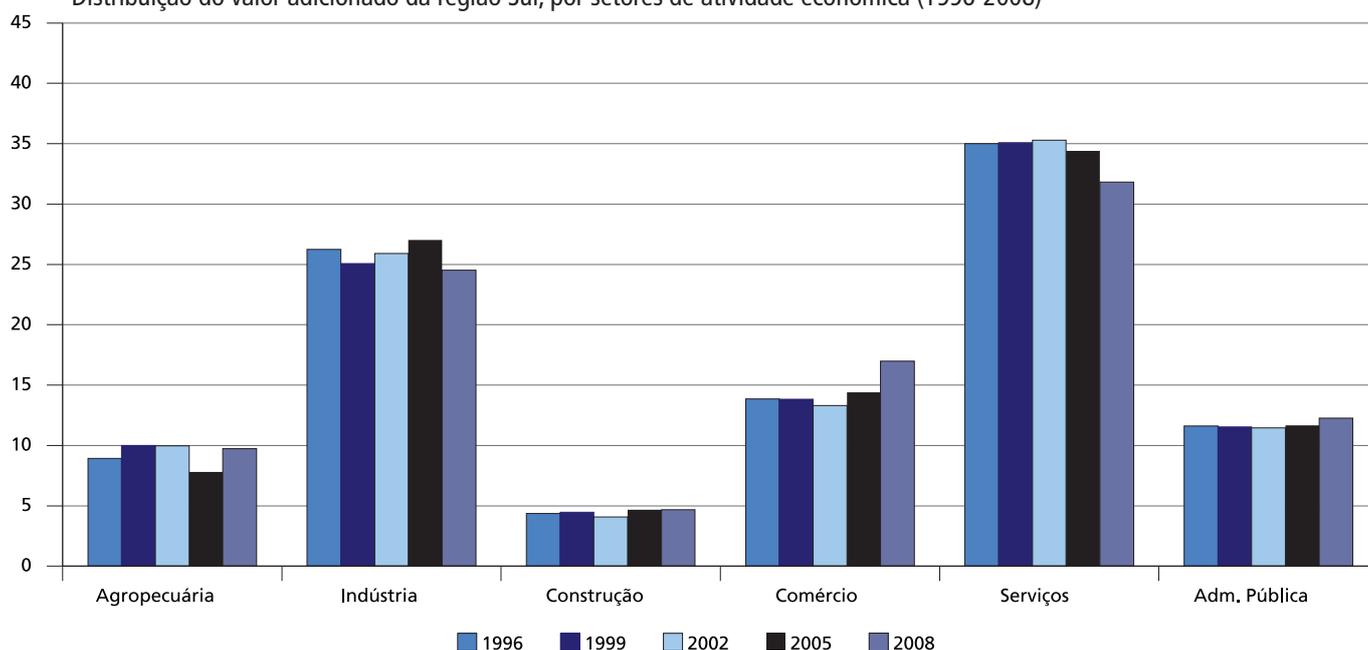


Fonte: Contas Regionais/IBGE.

Na região Sul (gráfico 5) a estrutura é semelhante à da Sudeste, mas com maior participação da agropecuária e menor participação dos serviços. Embora a estrutura se mantenha ao longo do tempo, para 2008, há um incremento no comércio, em detrimento da participação do setor de serviços.

GRÁFICO 5

Distribuição do valor adicionado da região Sul, por setores de atividade econômica (1996-2008)

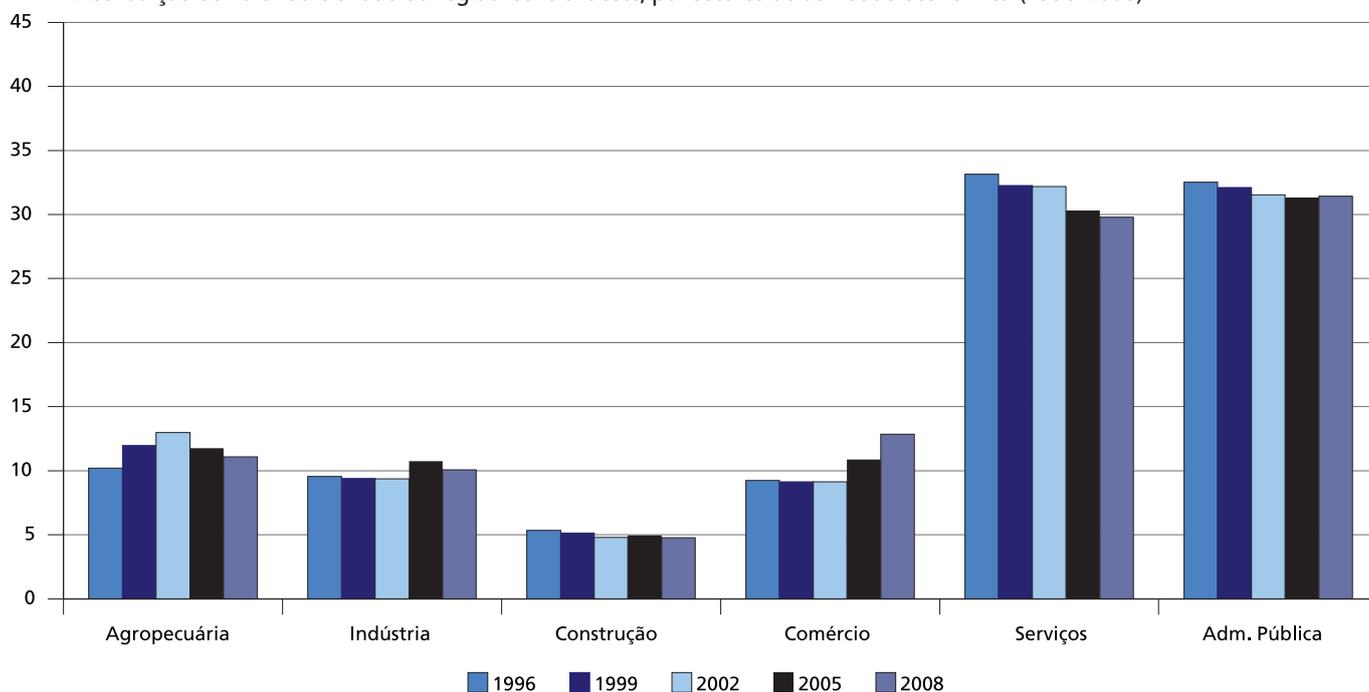


Fonte: Contas Regionais/IBGE.

A região Centro-Oeste (gráfico 6), por sua vez, apresenta uma estruturação muito diferente das demais, com preponderância dos serviços e da administração pública – em 2008, aliás, esta tem a maior participação. No entanto, se for retirado da análise o Distrito Federal (DF) – e seu peso na administração pública –, a estrutura muda completamente.

GRÁFICO 6

Distribuição do valor adicionado da região Centro-Oeste, por setores de atividade econômica (1996-2008)

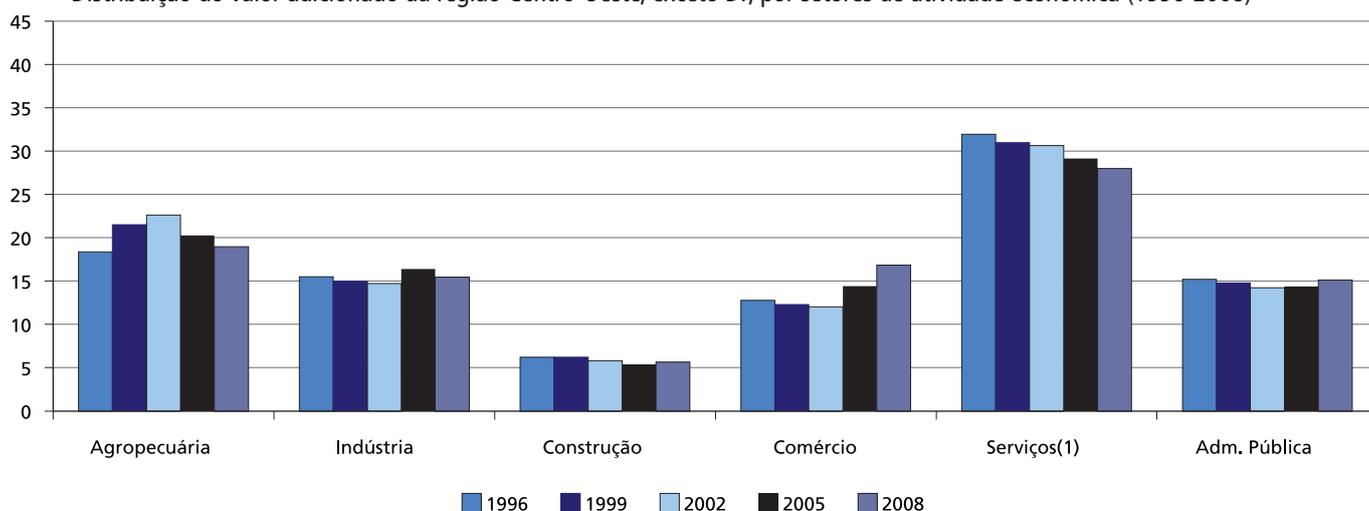


Fonte: Contas Regionais/IBGE.

O gráfico 6a apresenta como seria a estrutura da região Centro-Oeste sem o DF, e a agropecuária obtém importância bem maior, transformando-se na segunda maior atividade regional, só perdendo para o setor de serviços. Ressalta-se também neste contexto o aumento na participação da atividade comercial, que passa, em 2008, a indústria.

GRÁFICO 6A

Distribuição do valor adicionado da região Centro-Oeste, exceto DF, por setores de atividade econômica (1996-2008)



Fonte: Contas Regionais/IBGE.

Se a estrutura econômica das regiões é profundamente heterogênea, a análise dos índices de produtividade, por setor, nas grandes regiões do Brasil, mostra que esta pode ser ainda maior.

O índice de produtividade, exposto neste artigo, é a relação entre o valor adicionado, por cada setor, em cada região, e o pessoal ocupado, nestes setores e nestas regiões. Tal escolha permite que a produtividade seja representada pelo que é efetivamente adicionado em cada setor, uma vez que as novas formas de produção incorporam processos total ou parcialmente terceirizados. Isto não acontece com o índice de produtividade setorial, calculado por meio de sua produção física ou monetária, cujo resultado poderia distorcer as análises.

Para esse cálculo, foram obtidos os dados das Contas Regionais do Brasil, de 1996 a 2008, provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que fornece as informações de pessoal ocupado, obtidas pelas Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs) de 1996-2008.¹ Foram agregações setoriais que permitiram que se fizesse a análise sobre o mesmo corte referencial. Além disso, optou-se por escolher o valor adicionado total e o pessoal ocupado desta pesquisa, tendo em vista que estes conseguem cobrir a parte informal da economia, seja por balanceamento das contas regionais com as nacionais, seja pela pesquisa domiciliar da PNAD, que engloba tanto as pessoas ocupadas formalmente como os demais vínculos.

Cumprir que se chame atenção para o fato de que, conforme descrito no artigo inicial desta publicação, o conceito de heterogeneidade (HE) é, antes de tudo, referencial analítico que se aplica à dinâmica da estrutura produtiva. Ou seja, a caracterização da HE deriva da observação de situação de perpetuação no tempo de elevados níveis de disparidades entre setores, segmentos, firmas e/ou regiões. O estudo apresentado neste artigo observa situação “estática” da economia brasileira: o ano de 2008. Trata-se de análise preliminar, cujo objetivo é tão somente o de apontar as diferenças de produtividade observadas na conjuntura econômica atual e, a partir destas, desenvolver aprofundamento a partir de observação da dinâmica da estrutura produtiva.

A tabela 1 mostra o valor adicionado por cada setor na economia, por grande região brasileira. Por esta, demonstra-se que o setor de serviços é o preponderante em quase todas as regiões, à exceção da Centro-Oeste, dada a importância do setor público do DF, que faz com que a administração pública seja a maior atividade nesta Unidade da Federação (UF).

A relação entre a maior produtividade setorial – a da indústria – e a menor – a da agropecuária – é de 4,5 vezes, e esta razão entre a maior e a segunda é de 1,2 vezes, o que demonstra uma variação bastante larga entre os setores. Olhando-se regionalmente, esta disparidade é ainda maior, tanto para mais como para menos. Enquanto a relação indústria-agropecuária no Nordeste é de 6,5 vezes, na região Centro-Oeste esta é de pouco mais de 1,2 vezes. A atividade agrícola de alta produtividade, como a soja e a pecuária extensiva – que ocupa poucos trabalhadores – da região Centro-Oeste contrasta com agropecuária muitas vezes de subsistência da região Nordeste.

Distribuindo-se regionalmente, pode-se verificar que todos os setores têm maior relevância na região Sudeste (cerca de 55% do total do valor adicionado brasileiro), em especial, a indústria e o setor de serviços (62% e 63%, respectivamente).

TABELA 1

Valor adicionado, em valores correntes, por setor de atividade econômica – Brasil e grandes regiões (2008)
(Em R\$ milhões de 2008)

	Total	Agropecuária	Indústria	Construção	Comércio	Serviços¹	Administração pública
Norte	135.603	13.606	32.520	9.073	17.453	32.493	30.457
Nordeste	348.337	29.975	62.293	21.543	50.679	106.358	77.489
Sudeste	1.417.563	40.267	370.045	64.466	178.287	594.339	170.158
Sul	433.886	41.282	103.950	19.799	72.031	144.877	51.947
Centro-Oeste	244.721	27.143	24.627	11.669	31.458	72.917	76.907
Brasil	2.580.110	152.273	593.436	126.551	349.908	950.984	406.958

Fonte: Contas Regionais do Brasil e PNAD/IBGE.

Nota: ¹ Inclui instituições financeiras.

1. Nessa breve análise, somente serão apresentados os dados de 2008.

A distribuição de pessoal ocupado apresenta ainda preponderância do setor de serviços, mas com menor intensidade (tabela 2). A agropecuária é a atividade que mais emprega na região Nordeste, enquanto a administração pública é responsável por pequena parcela do emprego em todas as regiões.

TABELA 2

Pessoal ocupado, por setor de atividade econômica – Brasil e grandes regiões (2008)
(Em mil pessoas)

	Total	Agropecuária	Indústria	Construção	Comércio	Serviço ¹	Administração pública
Norte	6.862	1.296	930	575	1.294	1.946	477
Nordeste	24.548	7.565	2.398	1.697	3.982	6.425	1.215
Sudeste	39.398	3.500	7.154	3.059	6.812	12.951	1.721
Sul	14.675	2.700	2.742	1.006	2.520	3.978	639
Centro-Oeste	6.909	1.036	771	576	1.311	2.141	478
Brasil	92.392	16.097	13.995	6.913	15.919	27.441	4.530

Fonte: Contas Regionais do Brasil e PNAD/IBGE.

Nota: ¹ Inclui instituições financeiras.

Uma distribuição regional, no entanto, apresenta grande concentração de emprego na região Sudeste do país, embora em proporções pouco menores que as obtidas no valor adicionado. Ressalta-se que mais de 50% das pessoas ocupadas na indústria brasileira se encontram nesta região.

Quando se apresentam os resultados de produtividade (tabela 3), essa heterogeneidade se torna mais evidente ainda: enquanto a média do Brasil é de R\$ 27,9 mil por pessoa ocupada/ano, a do Nordeste é quase a metade disso (R\$ 14,2 mil).

Essa diferença persiste nos demais setores de atividade, mas deve-se ressaltar a grande diferença no setor de serviços: enquanto a região Sudeste apresenta produtividade de R\$ 45,9 mil por pessoa ocupada, isto representa quase três vezes a da região Nordeste (R\$ 16,6 mil).

Isso mostra a profunda heterogeneidade na estruturação desse setor, nas várias regiões brasileiras. No Sudeste, com alta intensidade da atividade industrial, os serviços mais dinâmicos estão atrelados a esta atividade e são elementos de aumento da produtividade industrial. No tocante a estas ligações mais tênues, o setor de serviços se apoia em atividades ligadas ao consumo das famílias, estruturado em setores por vezes informais, e com baixa agregação de valor.²

TABELA 3

Índice de produtividade, por setor de atividade econômica – Brasil e grandes regiões (2008)
(Em R\$ mil por pessoa/ano)

	Total	Agropecuária	Indústria	Construção	Comércio	Serviços ¹
Norte	19,8	10,5	35,0	15,8	13,5	16,7
Nordeste	14,2	4,0	26,0	12,7	12,7	16,6
Sudeste	36,0	11,5	51,7	21,1	26,2	45,9
Sul	29,6	15,3	37,9	19,7	28,6	36,4
Centro-Oeste	35,4	26,2	31,9	20,3	24,0	34,1
Brasil	27,9	9,5	42,4	18,3	22,0	34,7

Fonte: Contas Regionais do Brasil e PNAD/IBGE.

Nota: ¹ Inclui instituições financeiras.

Resta analisar se essa heterogeneidade também se reflete na análise intrarregional e na intrassetorial. Procurar suas causas, também ao longo do tempo, é o desafio o qual se espera que seja enfrentado por políticas públicas mais acuradas, setorial e regionalmente.

2. Recorde-se que, no estado de São Paulo, em que essa integração é maior, a produtividade chega a R\$ 58,2 mil por pessoa ocupada/ano.